

# CADERNOS 30

DE LITERATURA EM TRADUÇÃO



Clássicos greco-latinos traduzidos por mulheres no Brasil

# Uma tradução inédita de Anna Lia A. A. Prado: a Patologia, *História da Guerra do Peloponeso* (III.82-83)

Adriane da Silva Duarte<sup>1</sup>

**Resumo:** Anna Lia A. A. Prado (1925-2017) publicou a tradução do Livro I da *História da Guerra do Peloponeso* de Tucídides, mas não levou adiante o projeto de verter integralmente a obra. Deixou, contudo, algumas outras passagens traduzidas e revisadas, entre elas “A Patologia”, como é conhecida a breve seção sobre os efeitos da guerra civil sobre a sociedade, incrustada no livro III (Tucídides, III.82-83). Diante da qualidade distintiva de sua tradução, que reflete o estilo rigoroso da prosa do historiador grego, proponho sua publicação, precedida de um breve comentário.

**Palavras-chave:** Tucídides; *História da Guerra do Peloponeso*; *stasis*; Patologia; Anna Lia A. A. Prado

**Abstract:** Anna Lia A. A. Prado (1925-2017) published the translation of Book I of Thucydides’ *History of the Peloponnesian War*, but she did not complete the project of translating the entire work. However, she left several passages of the text translated and revised, including “The Pathology,” which refers to the brief section on the effects of the civil war on society found in Book III (Thucydides, III.82-83). Given the distinctive quality of her translation, which captures the rigorous style of the Greek historian’s prose, I propose its publication, accompanied by a brief commentary.

**Keywords:** Thucydides; *History of Peloponnesian War*; *stasis*; The Pathology; Anna Lia A. A. Prado

---

1 Professora Titular de Língua e Literatura Grega na Universidade de São Paulo (USP) e bolsista de produtividade do CNPq. É autora de *O dono da voz e a voz do dono. A parábola na comédia de Aristófanes* (2000) e *Cenas de reconhecimento na poesia grega* (2012), além de capítulos de livro e artigos acadêmicos. É tradutora de Aristófanes e do romance grego antigo. Coordena o GP *Estudos sobre o Teatro Antigo*.

## Apresentação

Anna Lia Amaral de Almeida Prado (1925-2017) foi professora de Língua e Literatura Grega na Universidade de São Paulo durante muitas décadas, contribuindo para a formação de várias gerações de classicistas. Notabilizou-se pela tradução de autores como Xenófanes de Colofão, Demócrito de Abdera, Platão, Xenofonte e, sobretudo, Tucídides, a quem dedicou sua tese de doutorado.<sup>2</sup>

Na condição de aluna, nos primeiros anos da graduação e na pós-graduação, orientanda durante o mestrado e o doutorado, e, depois, na conta de uma longa amizade, obtive da família os textos que ela guardou, uma parte dos quais inéditos.<sup>3</sup> Acredito que, por sua qualidade, seja importante divulgá-los aos interessados pelos clássicos e, em especial, por Tucídides, autor com o qual está mais identificada. André Malta, que, assim como eu, foi aluno da professora, dá seu testemunho sobre o prazer de ler uma obra traduzida por quem domina com igual mestria tanto o idioma de partida quanto o de chegada.

No campo da prosa antiga, essa sensação de prazer e espanto diante de uma árdua empreitada me vem com a tradução de Tucídides, o historiador grego, feita por Anna Lia Amaral de Almeida Prado. Não, Anna Lia não traduziu na íntegra a única obra de Tucídides, *História da Guerra do Peloponeso*, que é um livro gigante dividido em oito livros. Ela publicou somente a tradução do Livro 1. Mas o “somente” aqui engana: o trabalho dela com o Livro 1 vale por muitos livros traduzidos. Pelo rigor, pela precisão, pela atenção à complexidade sintática e semântica da prosa de Tucídides, é uma referência incontornável. (MALTA, 2021, p. 25)

É verdade que, em vida, Prado publicou apenas a tradução do livro I da *História da Guerra do Peloponeso* (TUCÍDIDES, 1999), além do célebre Diálogo de Melos, um recorte do livro V (PRADO, 1989b), mas seus guardados trazem outras passagens da obra traduzidas e revisadas.<sup>4</sup> São cerca de seis trechos sem

---

2 A tese, *Tucídides: História da Guerra do Peloponeso I. Introdução, tradução e notas* (1972), pode ser consultada na Biblioteca Florestan Fernandes da FFLCH, USP. Para a lista completa das suas traduções, remeto o leitor ao Apêndice no final deste texto.

3 Agradeço à família através de Luisa de Almeida Prado Arruda Pignalosa a cessão dos textos de Anna Lia A. A. Prado e o apoio para a sua publicação.

4 Registre-se a existência de uma tradução integral brasileira da obra de Tucídides por Mário da Gama Kury. Cf. Tucídides. *História da Guerra do Peloponeso*. Tradução, introdução e notas de Mário da Gama Kury. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.

datação, alguns manuscritos, a maioria datilografados e fotocopiados, muitos com marcas de revisão. Desse conjunto, publiquei anteriormente a Oração fúnebre de Péricles (DUARTE, 2020). Seleciono dessa vez um texto mais breve, porém não menos importante, conhecido entre os tucididianos como “Patologia” (*História da Guerra do Peloponeso*, III.82-83), que se revela um verdadeiro *tour de force* para o tradutor de grego.

Prado dedicou a essa passagem um artigo, “O lógos de Tucídides sobre a guerra”, que não traz, no entanto, a tradução integral, mas apenas dois pequenos trechos dela em citação (PRADO, 1989a). Uma hipótese plausível é que a tenha realizado com o intuito de preparar a redação deste texto, tornando-a então complementar à análise ali empreendida. É igualmente possível que a tradução tenha sido feita com propósito didático, já que a professora costumava produzir o material de que precisava para suas aulas, quando não havia tradução satisfatória em língua portuguesa.

No caso da “Patologia”, Prado preservou duas versões datilografadas, uma delas também fotocopiada. Ambas apresentam emendas manuscritas, em que se leem novas opções para a versão de termos ou correções menores. Vou designá-las A e B, sendo que A, mais revisada, aparenta ser mais antiga que B, que incorpora várias das opções da anterior, como se tivesse sido passada a limpo – as intervenções em B são em menor número e de caráter corretivo (suplementação de letra ou verbo faltante, p. ex.). Com base nisso, defini B como a versão “final” de uma tradução bem refletida e trabalhada, limitando-me a adotar as marcas de revisão presentes no texto. Não há qualquer indicação do texto grego consultado, mas é provável que tenha por base a edição da obra de Tucídides para *Les Belles Lettres* por Jacqueline de Romilly (2ª edição, 1958), que foi utilizada para a versão do Livro I (TUCÍDIDES, 1999, p. LVII).

Como exemplo das revisões que o texto sofreu, cito o início da seção III.83.1-2 em A e em B:

[A] Assim ~~toda forma de depravação se estabeleceu~~, [a depravação dos costumes assumiu todas as formas,] por causa das guerras civis, no mundo helênico e a ~~simplicidade~~ [integridade de caráter] da qual a nobreza tem muito, ridicularizada, desapareceu ~~em suas decisões~~ uns [contra] outros postarem ~~sem lealdade~~ [com ânimo desleal] como adversários foi [o que] em geral ~~o predominante~~ [predominou]: 2. o elemento de conciliação não era nem a palavra firme, nem o juramento terrível e, sendo mais fortes, todos, por cálculo da desesperança na estabilidade, xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

(ilegível, coberto com corretor e sobrescrito) [cuidavam para que não viessem a sofrer e não eram capazes de] confiar.

[B] Assim a depravação dos costumes assumiu todas as formas, por causa das guerras civis no mundo helênico e a integridade de caráter da qual a nobreza tem muito, ridicularizada, desapareceu e postarem-se uns contra os outros com ânimo desleal como adversários foi o que em geral predominou. 2. Não havia elemento de conciliação, nem palavra firme, nem juramento terrível e os mais fortes, todos, por cálculo da desesperança na estabilidade, mais cuidavam de não serem vítimas que de serem capazes de confiar.

Devo ainda observar que o referido artigo sobre a passagem (PRADO, 1989a) anota uma versão intermediária entre A e B, mas mais próxima de B, o que demonstra o quão incansável Prado era quando se tratava de burilar o texto. Ela adverte o leitor do artigo que a tradução ali apresentada “é apenas uma tentativa que serve para o momento” (PRADO, 1989a, p. 14), dando a entender que não havia chegado a uma solução definitiva. Note-se que A e a versão publicada no artigo terminam a seção 83.1 com dois pontos e não com ponto final, como em B. Isso porque a tradutora optou por emendar a seção 83.1 a 83.2, formando uma oração longa e complexa – em B, decidiu parti-la. À guisa de comparação, reproduzo também essa versão, colocando em **negrito** o que dista de B.

Assim a depravação dos costumes assumiu todas as formas por causa das guerras civis no mundo helênico e a integridade de caráter da qual a nobreza tem muito, ridicularizada, desapareceu e **uns contra os outros postarem-se** com ânimo desleal como adversários foi o que em geral predominou: **o** elemento de conciliação **não era** nem a palavra firme, nem o juramento terrível e os mais fortes, todos, por cálculo da desesperança na estabilidade, **cuidavam para que não viessem a sofrer e não eram** capazes de confiar. (PRADO, 1989a, p. 17)

A leitura do artigo, somada às observações que Prado faz quando da publicação do Livro I de *História da Guerra do Peloponeso* (TUCÍDIDES, 1999, p. LVII-LIX), constituem preciosas diretrizes para entender como ela via a tarefa do tradutor. Começando por este último, destaco sua afirmação de que “o tradutor, para ser fiel na transmissão do conteúdo, tem de ser fiel também no modo de expressão”, de modo que, mesmo se a leitura resultar muitas vezes lenta e penosa, é dever do tradutor guardar “as particularidades do estilo tucididiano”, caso contrário produzir-se-ia apenas uma paráfrase do texto original. Ocorre que o estilo de Tucídides era considerado complexo já na Antiguidade. Ser fiel a ele implica

contrariar o que é natural na construção da frase em língua portuguesa, alterando a ordem regular das palavras e construindo períodos anormalmente longos, por exemplo. Prado segue esse caminho, optando por trazer Tucídides até o leitor brasileiro sem aplainá-lo.

Há outro trecho do artigo que elucida sua visão enquanto tradutora:

Poucas passagens de Tucídides, autor que já os antigos consideravam como difícil, resistem tanto a uma tradução como essa que está em uma posição central e básica para a compreensão da Patologia. Tem uma posição contundente porque concisa e artificiosa e, tratando de conceitos, prepara o desenvolvimento ulterior do texto. Vale a pena, portanto, apresentá-la, numa tradução que, apesar de suas insuficiências, será mais útil do que uma paráfrase. (PRADO, 1989a, p. 13-14)

A passagem em questão, que a tradutora examina detidamente na sequência, é realmente desafiadora, dada a longa enumeração de predicados em estrutura anti-tética, em que há subversão dos sentidos habituais das palavras. Eis o trecho citado:

E a significação habitual das palavras em relação às coisas trocaram por uma interpretação pessoal: audácia irracional foi considerada coragem amiga dos companheiros, mas demora providente, covardia de bela aparência; a moderação, disfarce do não viril e a compreensão do todo, inércia em tudo; a agressividade estúpida foi posta como uma qualidade a mais do varão, mas o deliberar com segurança foi tido como um belo pretexto de fuga.<sup>5</sup> (PRADO, 1989a, p. 14 = Tucídides, III.82.4)

É interessante a observação de que a referida passagem “resiste à tradução”, observação que parte da consciência da tradutora da luta do autor com sua própria língua, o grego, que ele tenta moldar para expressar o que ainda não fora dito. Para dar uma ideia do inusitado da formulação tucididiana, remeto à paráfrase de Dioniso de Halicarnasso (PRITCHETT, 1975) ao reescrevê-la em seu ensaio sobre Tucídides (29.375.18–19): “Homens comidos [passaram a ser vistos] como covardes e os que eram atentos a tudo, como inativos em tudo” (οἱ δὲ σόφρονες ἄνδρες, καὶ οἱ συνετοὶ πρὸς ἅπαντα ἐν ἅπασιν ἀργοί). Joho (2022, p. 48) observa que o estranhamento da passagem original reside no emprego de termos

---

5 O trecho citado difere do reproduzido adiante apenas pela ausência de artigo diante de “demora” e da opção por “fuga” em lugar de “recusa”.

abstratos em vez de atribuí-los, como seria mais natural, a qualidades dos agentes, que é o que faz Dioniso. Assim, Joho conclui (2022, p. 48) que “a diferença na formulação revela uma avaliação diferente do fator primordial na *stasis*: Dioniso coloca os agentes pessoais no centro; Tucídides dá prioridade a padrões impessoais”.<sup>6</sup>

Barbara Cassin (2022, p. 13) define bem o que implica traduzir quando diz que “o que a tradução deve nos fazer sentir e experimentar de imediato, por meio da discordância das redes terminológicas e sintáticas, é a força e a inteligência da diferença das línguas”. Não há melhor comentário para o que faz Prado. Não resisto a reproduzir mais uma passagem de suas observações sobre o trecho citado.

A subversão do significado habitual das palavras mostra um novo modo de ver o mundo, uma nova mundividência na qual os planos, a precaução, a providência e a moderação são considerados como eufemismos que escondem uma covardia (δειλία εὐπρεπής) ou como disfarce do não viril (τὸ δὲ σῶφρον τοῦ ἀνάνδρου πρόσχημα). (PRADO, 1989a, p. 15)

Tucídides, na “Patologia”, se esforça para descrever o impacto da guerra na sociedade e nos indivíduos. Segundo Prado (1989a, p. 11), a passagem fornece uma rara ocasião em que o historiador apresenta sua visão dos acontecimentos de forma direta, constituindo “a manifestação mais clara e direta do pensamento de Tucídides”. Partindo de um caso concreto, a revolta que eclode na cidade de Corcira, contrapondo facções rivais apoiadas por atenienses e peloponésios, o historiador abstrai os elementos particulares para refletir sobre os horrores da guerra e a universalidade da condição humana. Constitui um todo coeso e autônomo, podendo ser considerada uma digressão, o que justifica sua publicação em separado.

Concluo, voltando a André Malta (2021, p. 26), e cito a longa passagem em que ele retoma e comenta as considerações de Anna Lia sobre a tarefa do tradutor.

Quero voltar às suas “Observações preliminares sobre a tradução”<sup>7</sup> e ler aqui um trecho em especial, o de abertura, porque acho que são palavras lapidares, que nos fazem de novo ouvir sua própria voz: “Por detrás de uma tradução de texto, esconde-se uma árdua e dura elaboração, na qual o tradutor trabalha como um artesão que vai criando seus instrumentos de trabalho à medida

6 Joho (2022, p. 47): “The difference in phrasing reveals a different assessment of the paramount factor in *stasis*: Dionysius makes personal agents central; Thucydides gives priority to impersonal patterns.”

7 Cf. Tucídides, 1999, p. LVII-LIX.

que a obra avança. A um tradutor que se coloca conscientemente na posição de artesão não cabe enunciar os problemas teóricos que um trabalho de tradução pode levantar, nem propor-lhes soluções teóricas, porque, evidentemente, a sua própria opção por esse tipo de trabalho prova que acredita na exequibilidade prática dessa tarefa e reconhece a conveniência e utilidade de levá-la a termo. Ele pode e deve, porém, expor os princípios gerais que nortearam seu trabalho”. Para mim, é uma cartilha exemplar: reconhecer, junto com o princípio da traduzibilidade, o império da prática árdua, mas sem com isso deixar de enunciar as coordenadas gerais do trabalho feito. (MALTA, 2021, p. 26)

### Tradução de TUCÍDIDES, III. 82-83: Patologia

**82.** Cruel a tal ponto foi a guerra civil e mais ainda pareceu por ser a primeira de todas, pois foi mais tarde que todo o mundo helênico, por assim dizer, sofreu comoções; havendo divergências em todas as cidades, os chefes do povo chamavam os atenienses e os aristocratas, os lacedemônios. E, na paz, não tendo pretexto, nem ousariam chamá-los, mas, estando em guerra, para ambos os lados as intervenções, para ruína dos adversários e para apoio a si próprios, garantiam alianças aos que desejavam uma nova ordem. 2. E desabaram muitos sofrimentos durante a guerra civil sobre as cidades, sofrimentos que existem e sempre existirão enquanto for a mesma natureza dos homens, mais graves e mais brandos, variáveis na forma, segundo ocorrem cada uma das mudanças das circunstâncias. Na paz e na prosperidade as cidades e os indivíduos têm melhores as suas mentes por não caírem em necessidades não queridas; a guerra, porém, eliminando a facilidade do cotidiano, é um mestre violento e à situação presente equipara as paixões da maioria. 3. As cidades, então, estavam em guerra civil e aquelas que de certa forma se tinham atrasado, com a notícia do já acontecido, excediam-se na inovação de seus planos pela grande habilidade das manobras e pelo absurdo das vinganças. 4. E a significação habitual das palavras em relação às coisas trocaram por uma interpretação pessoal: audácia irracional foi considerada coragem amiga dos companheiros, mas a demora previdente, covardia de bela aparência; a moderação, disfarce do não viril e a compreensão do todo, inércia em tudo; a agressividade estúpida foi posta como uma qualidade a mais do varão, mas o deliberar com segurança foi tido como um belo pretexto de recusa. 5. O descontente sempre merecia fé e seu contraditor, suspeição. Se alguém, tramando uma cilada, tinha êxito, era perspicaz e, se a descobria, ainda mais hábil; mas, se previamente deliberava para que nada disso acontecesse, era um desmancha-partido, alguém batido pelos adversários. Numa palavra, quem conseguia ser o primeiro a praticar um mal era louvado e também aquele que incitava quem nisso não estava pensando. 6. E, na verdade, até a ligação de parentesco veio a ser algo mais frouxo



que a de partido, onde era mais fácil ousar sem disfarces; não era segundo as leis vigentes, para prestar auxílio, que se formavam tais grupos, mas à margem das leis estabelecidas, por ambição de ter mais. 7. E a palavra dada entre si se fortalecia menos pela lei divina que por uma transgressão cometida em comum. Vingar-se de alguém era mais importante que ele mesmo não ser vítima antes. E juramentos de reconciliação, se uma vez os houve, prestados por ambos os lados numa situação sem saída, valiam só naquele momento quando não contavam com reforço vindo de outra parte. Quem tinha a sorte de em primeiro lugar recobrar a confiança em si mesmo, quando via o outro indefeso, com prazer maior vingava-se usando da boa-fé do que fazendo-o às claras e levava em conta a segurança e o fato de que, vencendo pela fraude, tinha ganho mais, prêmio de sua perspicácia. Mais fácil era para a maioria, sendo malfeitores, serem chamados de hábeis do que de ignorantes, sendo bons e disto tiravam motivo de vergonha, daquilo de orgulho. 8. De tudo isso a causa era o desejo maior de poder, inspirado pela ambição de ter mais e pelo amor às honras e daí vinha também o ardor quando surgia a rivalidade. Os que estavam à frente das cidades, usando um nome de bela aparência, primazia à igualdade de todos na cidade ou à aristocracia moderada, cuidando, segundo diziam, dos bens comuns, disso faziam seu prêmio, mas de toda maneira lutando para vencerem-se mutuamente, ousaram as ações mais terríveis e procuraram vinganças ainda maiores, mantendo-as não dentro do justo e do útil à cidade, mas levando-as até o limite do que a cada um dos partidos agradava e, ou com a decisão de um voto injusto ou à força adquirindo poder, estavam dispostos a satisfazer de pronto seu desejo de vitória. Assim, com piedade nem uns nem outros viviam, mas, se acontecia que, graças a palavras bonitas, conseguiam algo com má fé, tinham melhor renome. E os cidadãos que eram neutros, ou porque não eram companheiros de luta ou porque não se via com bons olhos sua sobrevivência, iam sendo mortos.

**83.** Assim a depravação dos costumes assumiu todas as formas por causa das guerras civis no mundo helênico e a integridade de caráter da qual a nobreza tem muito, ridicularizada, desapareceu e postarem-se uns contra os outros com ânimo desleal como adversários foi o que em geral predominou. 2. Não havia elemento de conciliação, nem palavra firme, nem juramento terrível e os mais fortes, todos, por cálculo da desesperança na estabilidade, mais cuidavam de não serem vítimas que de serem capazes de confiar. 3. E os de inteligência mais pobre na maioria das vezes sobreviviam, pois, temendo a própria indigência e a perspicácia dos adversários, com medo de serem vencidos nas palavras e, por terem os outros muitos recursos de inteligência, fossem eles os primeiros nas intrigas, ousadamente passavam à ação. 4. E os outros, por pensarem com menosprezo que pressentiriam o perigo e julgando que não deviam tomar com uma ação algo que pudessem tomar com a inteligência, indefesos, mais ainda iam sendo massacrados.

## Texto grego original<sup>8</sup>

82. οὕτως ὡμὴ <ή> στάσις προυχώρησε, καὶ ἔδοξε μᾶλλον, διότι ἐν τοῖς πρώτῃ ἐγένετο, ἐπεὶ ὕστερόν γε καὶ πᾶν ὡς εἶπεν τὸ Ἑλληνικὸν ἐκινήθη, διαφορῶν οὐσῶν ἐκασταχοῦ τοῖς τε τῶν δήμων προστάταις τοὺς Ἀθηναίους ἐπάγεσθαι καὶ τοῖς ὀλίγοις τοὺς Λακεδαιμονίους. καὶ ἐν μὲν εἰρήνῃ οὐκ ἂν ἔχόντων πρόφασιν οὐδ' ἐτοίμων παρακαλεῖν αὐτοὺς, πολεμουμένων δὲ καὶ ξυμμαχίας ἅμα ἐκατέροις τῇ τῶν ἐναντίων κακώσει καὶ σφίσιν αὐτοῖς ἐκ τοῦ αὐτοῦ προσποιήσει ῥαδίως αἱ ἐπαγωγαὶ τοῖς νεωτερίζειν τι βουλομένοις ἐπορίζοντο. [2] καὶ ἐπέπεσε πολλὰ καὶ χαλεπὰ κατὰ στάσιν ταῖς πόλεσι, γιγνόμενα μὲν καὶ αἰεὶ ἐσόμενα, ἔως ἂν ἡ αὐτὴ φύσις ἀνθρώπων ᾗ, μᾶλλον δὲ καὶ ἡσυχαίτερα καὶ τοῖς εἶδεσι διηλλαγμένα, ὡς ἂν ἕκασται αἱ μεταβολαὶ τῶν ξυντυχιῶν ἐφιστῶνται. ἐν μὲν γὰρ εἰρήνῃ καὶ ἀγαθοῖς πράγμασιν αἱ τε πόλεις καὶ οἱ ἰδιῶται ἀμείνους τὰς γνώμας ἔχουσι διὰ τὸ μὴ ἐς ἀκουσίους ἀνάγκας πίπτειν: ὁ δὲ πόλεμος ὑφελὼν τὴν εὐπορίαν τοῦ καθ' ἡμέραν βίαιος διδάσκαλος καὶ πρὸς τὰ παρόντα τὰς ὀργὰς τῶν πολλῶν ὁμοιοῖ. [3] ἐστασίαζε τε οὖν τὰ τῶν πόλεων, καὶ τὰ ἐφυστερίζοντά που πύσσει τῶν προγενομένων πολὺ ἐπέφερε τὴν ὑπερβολὴν τοῦ καινοῦσθαι τὰς διανοίας τῶν τ' ἐπιχειρήσεων περιτεχνήσει καὶ τῶν τιμωριῶν ἀτοπία. [4] καὶ τὴν εἰωθυῖαν ἀξίωσιν τῶν ὀνομάτων ἐς τὰ ἔργα ἀντήλλαξαν τῇ δικαιοῦσαι. τόλμα μὲν γὰρ ἀλόγιστος ἀνδρεία φιλέταιρος ἐνομίσθη, μέλλησις δὲ προμηθὴς δειλία εὐπρεπής, τὸ δὲ σῶφρον τοῦ ἀνάνδρου πρόσχημα, καὶ τὸ πρὸς ἅπαν ζυνετὸν ἐπὶ πᾶν ἀργόν: τὸ δ' ἐμπλήκτως ὅξυ ἀνδρὸς μοῖρα προσετέθη, ἀσφαλεία δὲ τὸ ἐπιβουλεύεσθαι ἀποτροπὴς πρόφασις εὐλογος. [5] καὶ ὁ μὲν χαλεπαίνων πιστὸς αἰεὶ, ὁ δ' ἀντιλέγων αὐτῷ ὑποπτος. ἐπιβουλεύσας δὲ τις τυχὼν ζυνετὸς καὶ ὑπονοήσας ἔτι δεινότερος: προβουλεύσας δὲ ὅπως μὴδὲν αὐτῶν δεήσει, τῆς τε ἐταιρίας διαλυτῆς καὶ τοὺς ἐναντίους ἐκπεληγμένους. ἀπλῶς δὲ ὁ φθάσας τὸν μέλλοντα κακὸν τι δρᾶν ἐπηρεῖτο, καὶ ὁ ἐπικελεύσας τὸν μὴ διανοούμενον. [6] καὶ μὴν καὶ τὸ ξυγγενὲς τοῦ ἐταιρικοῦ ἀλλοτριώτερον ἐγένετο διὰ τὸ ἐτοιμότερον εἶναι ἀπροφασίστως τολμᾶν: οὐ γὰρ μετὰ τῶν κειμένων νόμων ὠφελίας αἱ τοιαῦται ζύνοδοι, ἀλλὰ παρὰ τοὺς καθεστῶτας πλεονεξία. καὶ τὰς ἐς σφᾶς αὐτοὺς πίστεις οὐ τῷ θεῷ νόμῳ μᾶλλον ἐκρατύνοντο ἢ τῷ κοινῇ τι παρανομήσαι. [7] τὰ τε ἀπὸ τῶν ἐναντίων καλῶς λεγόμενα ἐνεδέχοντο ἔργων φυλακῇ, εἰ προύχοιεν, καὶ οὐ γενναιότητι. ἀντιτιμωρήσασθαι τέ τινα περὶ πλείονος ἦν ἢ αὐτὸν μὴ προπαθεῖν. καὶ ὄρκοι εἴ που ἄρα γένοιτο ξυναλλαγῆς, ἐν τῷ αὐτίκα πρὸς τὸ ἄπορον ἐκατέρω διδόμενοι ἴσχυον οὐκ ἔχόντων ἄλλοθεν δύναμιν: ἐν δὲ τῷ παρατυχόντι ὁ φθάσας θαρσῆσαι,

8 Reproduzido de Thucydides. *Historiae* in two volumes. Edited by H. Stuart Jones and J. E. Powell. Oxford: Oxford University Press, 1942. Disponível em *Perseus Digital Library*: <https://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.01.0199%3Abook%3D3%3Achapter%3D83%3Asection%3D4>

εἰ ἴδοι ἄφαρκτον, ἥδιον διὰ τὴν πίστιν ἐτιμωρεῖτο ἢ ἀπὸ τοῦ προφανοῦς, καὶ τό τε ἀσφαλές ἐλογίζετο καὶ ὅτι ἀπάτη περιγενόμενος ξυνέσεως ἀγώνισμα προσελάμβανεν. ῥῶον δ' οἱ πολλοὶ κακοῦργοι ὄντες δεξιοὶ κέκληνται ἢ ἀμαθεῖς ἀγαθοί, καὶ τῷ μὲν αἰσχύνονται, ἐπὶ δὲ τῷ ἀγάλλονται. [8] πάντων δ' αὐτῶν αἴτιον ἀρχὴ ἢ διὰ πλεονεξίαν καὶ φιλοτιμίαν: ἐκ δ' αὐτῶν καὶ ἐς τὸ φιλονικεῖν καθισταμένων τὸ πρόθυμον. οἱ γὰρ ἐν ταῖς πόλεσι προστάντες μετὰ ὀνόματος ἐκάτεροι εὐπρεποῦς, πλήθους τε ἰσονομίας πολιτικῆς καὶ ἀριστοκρατίας σὺφρονος προτιμήσει, τὰ μὲν κοινὰ λόγῳ θεραπεύοντες ἄθλα ἐποιοῦντο, παντὶ δὲ τρόπῳ ἀγωνιζόμενοι ἀλλήλων περιγίγνεσθαι ἐτόλμησάν τε τὰ δεινότερα ἐπέξῃσάν τε τὰς τιμωρίας ἔτι μείζους, οὐ μέχρι τοῦ δικαίου καὶ τῇ πόλει ξυμφόρου προτιθέντες, ἐς δὲ τὸ ἐκατέροις που αἰεὶ ἡδονὴν ἔχον ὀρίζοντες, καὶ ἢ μετὰ ψήφου ἀδίκου καταγνώσεως ἢ χειρὶ κτώμενοι τὸ κρατεῖν ἐτοῖμοι ἦσαν τὴν αὐτίκα φιλονικίαν ἐκπιμπλάναι. ὥστε εὐσεβεῖα μὲν οὐδέτεροι ἐνόμιζον, εὐπρεπεῖα δὲ λόγου οἷς ξυμβαίη ἐπιφθόνως τι διαπράξασθαι, ἄμεινον ἤκουον. τὰ δὲ μέσα τῶν πολιτῶν ὑπ' ἀμφοτέρων ἢ ὅτι οὐ ξυνηγωνίζοντο ἢ φθόνῳ τοῦ περιεῖναι διεφθείροντο.

**83.** οὕτω πᾶσα ἰδέα κατέστη κακοτροπίας διὰ τὰς στάσεις τῷ Ἑλληνικῷ, καὶ τὸ εὖηθες, οὐ τὸ γενναῖον πλεῖστον μετέχει, καταγελασθὲν ἠφανίσθη, τὸ δὲ ἀντιτετάχθαι ἀλλήλοις τῇ γνώμῃ ἀπίστως ἐπὶ πολὺ διήνεγκεν: [2] οὐ γὰρ ἦν ὁ διαλύσων οὔτε λόγος ἐχυρὸς οὔτε ὄρκος φοβερός, κρείσσους δὲ ὄντες ἅπαντες λογισμῷ ἐς τὸ ἀνέλπιστον τοῦ βεβαίου μὴ παθεῖν μᾶλλον προυσκόπουν ἢ πιστεῦσαι ἐδύναντο. [3] καὶ οἱ φαυλότεροι γνώμῃ ὥς τὰ πλείω περιεγίγνοντο: τῷ γὰρ δεδιέναι τό τε αὐτῶν ἐνδεές καὶ τὸ τῶν ἐναντίων ξυнетόν, μὴ λόγοις τε ἥσους ὥσι καὶ ἐκ τοῦ πολυτρόπου αὐτῶν τῆς γνώμης φθάσωσι προεπιβουλεύμενοι, τολμηρῶς πρὸς τὰ ἔργα ἐχώρουν. [4] οἱ δὲ καταφρονούντες κἂν προαισθῆσθαι καὶ ἔργῳ οὐδὲν σφᾶς δεῖν λαμβάνειν ἂν γνώμῃ ἔξεστιν, ἄφαρκτοι μᾶλλον διεφθείροντο.

## Referências bibliográficas

- CASSIN, B. *Elogio da tradução*. Complicar o universal. Tradução de Daniel Falkemback e Simone Petry. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2022.
- DUARTE, Adriane da Silva. “Anna Lia A. A. Prado, tradutora de Tucídides: A Oração Fúnebre de Péricles”. *Translatio*, n. 19, p. 03-15, 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/translatio/article/view/107720> Acesso em: 29 out. 2024.
- JOHO, T. *Style and Necessity in Thucydides*. Oxford: Oxford University Press, 2022.
- MALTA, A. Anna Lia de Almeida Prado traduzindo Tucídides. In: *Isso aqui não é grego 2*. Crítica de tradução. São Paulo: Edição do autor, 2021. p. 25-27.
- PRADO, A. L. A. A. “O lógos de Tucídides sobre a guerra”. *Clássica*, v. 2, n. 1, 1989a. Disponível em: <https://revista.classica.org.br/classica/article/view/620> Acesso em: 20 nov. 2024.

PRADO, A. L. A. A. “O diálogo de Melos: o discurso do poder”. *Revista de História*, n. 121, p. 111-126, 1989b. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/18609> Acesso em: 11 nov. 2024.

PRITCHETT, W. K. *Dionysius of Halicarnassus: On Thucydides*. Berkeley: University of California Press, 1975.

TUCÍDIDES. *História da Guerra do Peloponeso*. Livro I. Tradução e apresentação por Anna Lia Amaral de Almeida Prado. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

## Apêndice: Lista das traduções de Anna Lia A. A. Prado

AVERRÓIS. *Comentário sobre a República*. Tradução de Anna Lia A. de Almeida Prado e Rosalie Helena de Souza Pereira. São Paulo: Perspectiva, 2015.

AVERRÓIS. *Comentário sobre a Ética Nicomaquéia, livro VI*. Tradução de Anna Lia A. de Almeida Prado e Rosalie Helena de Souza Pereira. In: PEREIRA, R. H. de S. *A arte de governar: uma leitura aristotelizante da República*. São Paulo: Perspectiva, 2012.

AVERRÓIS. *Exposição sobre a Substância do Orbe*. Tradução de Anna Lia A. de Almeida Prado e Rosalie Helena de Souza Pereira. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

BERGSON, H. *O que Aristóteles pensou sobre o lugar*. Tradução do original em latim de Anna Lia A. de Almeida Prado. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

DEMÓCRITO DE ABDERA. Fragmentos. Tradução Anna Lia A. de A. Prado. In: SOUZA, José Cavalcante de (Org.). [Antologia] *Os pré-socráticos*. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

OVÍDIO. *Amores* III.9; *Arte de Amar* I.1-34; *Remédios de Amor* 1-40. Tradução de Anna Lia A. de A. Prado. In: NOVAK, Maria da Glória; NERI, Maria Luiza (Orgs.). *Poesia lírica latina*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

PLATÃO. *A República*. Tradução de Anna Lia Amaral de Almeida Prado. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2014. [1ª ed. 2006]

TUCÍDIDES. *História da Guerra do Peloponeso*. Tradução e apresentação Anna Lia Amaral de Almeida Prado. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

TUCÍDIDES. A Oração Fúnebre (II, 34-47.1). In: DUARTE, A. S. “Anna Lia A. A. Prado, tradutora de Tucídides: A Oração Fúnebre de Péricles”. *Translatio*, n. 19, p. 03-15, 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/translatio/article/view/107720> Acesso em: 29 out. 2024.

TUCÍDIDES. O diálogo de Melos (Tuc. V, 84-116). In: PRADO, Anna Lia A. de A. “O diálogo de Melos: o discurso do poder”. *Revista de História*, n. 121, p. 111-126, 1989b.

Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/18609> Acesso em: 11 nov. 2024.

XENÓFANES DE COLOFÃO. Fragmentos. Tradução Anna Lia A. de A. Prado. In: SOUZA, José Cavalcante de (Org.). [Antologia] *Os pré-socráticos*. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

XENOFONTE. *Econômico*. Tradução e introdução de Anna Lia Amaral de Almeida Prado. São Paulo: Martins Fontes, 1999.